

TRANSCRIÇÃO, TRANSTEXTUALIZAÇÃO, TRADAPTAÇÃO: TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO COMO RECURSOS DE SUBVERSÃO DO PODER

FERNANDA SARAIVA FRIO¹; BEATRIZ VIÉGAS-FARIA²

¹Universidade Federal de Pelotas – fernandasfrio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – beatrizv@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo observar os efeitos que o pós-colonialismo exerceu sobre a forma de se pensar e fazer tradução em ambientes culturais marcados pela hibridização resultante do choque entre duas ou mais culturas. Tomando como estudos de caso o Movimento Antropofágico da década de 1920, no Brasil, e a proposta de *tradaptação* do tradutor quebequense Michel Garneau (apud LIEBLEIN, 2012), buscou-se observar como essas práticas refletem as concepções contemporâneas de tradução e, principalmente, como elas serviram ao propósito de oferecer resistência às culturas europeias e à cultura norte-americana.

O Movimento Antropofágico da década de 1920 questionava a mentalidade colonial e a relação do Brasil com o estrangeiro. O objetivo do grupo, que tinha como expoente o escritor Oswald de Andrade, era absorver o insumo estrangeiro e transformá-lo, em uma alusão aos rituais canibais (VIEIRA, 1998). O movimento veio a ser reanimado por Augusto de Campos e seu irmão Haroldo nas décadas de 1970 e 1980. As traduções de Augusto de Campos contaram com elementos do movimento antropofágico e também do movimento concretista da década de 50. Ao lançar mão de recursos gráficos e fundir o texto original e o texto traduzido, o tradutor e poeta assina muitas de suas traduções e não utiliza aspas para delimitar citações e estrangeirismos, fazendo com que ambos os textos se transformem em uma única entidade.

Haroldo de Campos (1967, 1997), ao cunhar os termos *transtextualização* e *transcrição*, expôs sua visão da tradução como um processo criativo, em que o novo texto permanece ligado ao original, porém, também adquire o status de uma criação autônoma. Além disso, o autor expõe tanto a natureza subserviente quanto a natureza transgressora da tradução, pois esta, por um lado, confere status à obra que vem a ser traduzida – e, conseqüentemente, à língua e cultura originárias dessa obra –, mas, por outro, “o orgulho do tradutor está, num momento último e fulgurante de verdade, em transformar o original na tradução de sua própria tradução” (CAMPOS, 1997, p. 55). Assim, tanto Augusto quanto Haroldo advogam em favor do caráter criativo do texto traduzido e em favor do papel de criador do tradutor.

Saindo do contexto latino-americano, chegamos ao projeto de tradaptação do tradutor quebequense Michel Garneau. Esse termo foi cunhado pelo autor para descrever sua tradução da peça *Macbeth*, de William Shakespeare, para o quebequense, idioma que, à época, urgia por consolidação. A escolha por um texto do dramaturgo inglês configurou um duplo movimento de resistência: contra a cultura francesa e contra a língua inglesa canadense (LIEBLEIN, 2012). As adaptações feitas por Garneau incluíram cortes, acréscimos, criação de neologismos e arcaísmos, para atender às necessidades da língua ainda em vias de formação.

Além disso, a escolha pelo texto dramático se deu em função de seu caráter oral, que oferece possibilidades prosódicas não contempladas pela língua escrita.

É importante observar que tanto os respectivos projetos dos irmãos Campos quanto o trabalho de Garneau lançam mão não apenas da tradução, mas também, em um segundo momento, da adaptação, entendida, neste trabalho, como uma prática interlingual e/ou intersemiótica, em conformidade com a visão de Merino (2001). Assim, o termo tradaptação se mostra pertinente e, a esse respeito, Lieblein (2012: 267) comenta que “a tradução, especialmente em um contexto pós-colonial, sempre terá um gostinho de adaptação”, o que quer dizer que ela passou a servir não apenas como recurso estético, mas como uma importante ferramenta de resistência cultural.

2. METODOLOGIA

O trabalho começou por explorar as diferenças entre os conceitos de tradução e adaptação, termos cujas fronteiras permanecem indeterminadas e cujas acepções estão fortemente marcadas por posturas ideológicas (GAMBIER, 1992). Foram levadas em conta as considerações de Merino (2001), que postula que a tradução é uma prática essencialmente interlingual, ao passo que a adaptação se refere “a uma relação de dependência de um texto com respeito a outro (...), porém em gênero, meio, espaço ou tempo diferente”¹ (ibid., 2001: 231-232).

Em seguida, passou-se à descrição dos referidos estudos de caso, a fim de melhor esclarecer em que cada um deles consistiu e observar como o recurso à tradução e à adaptação serviu ao objetivo de cada projeto. Além disso, buscamos mostrar como essas práticas podem vir a contribuir para renovar as reflexões nos Estudos da Tradução e contribuir com os ainda recentes Estudos da Adaptação.

Finalmente, são cotejados os estudos de caso, a fim de buscar semelhanças e divergências entre eles e delinear conclusões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os projetos de transcrição e transtextualização de Haroldo de Campos, as traduções concretistas de Augusto de Campos e a tradaptação de Michel Garneau, apesar de compartilharem de características de transgressão e oposição ao domínio cultural no ambiente colonizado, apresentam divergências quanto aos seus objetivos principais.

Em primeiro lugar, as traduções de Haroldo de Campos buscam, acima de tudo, afirmar o papel do tradutor como criador e dono de sua obra, tomando o texto como objeto artístico passível de ser recriado em outra língua, através de sua sujeição a todas as adaptações que forem necessárias para a preservação de seu efeito estético. Assim, a tradução transcriadora visa reinventar a poeticidade do texto original.

As traduções concretistas de Augusto de Campos, por sua vez, buscam equiparar texto original e texto traduzido, de modo a eliminar suas diferenças através da fundição de ambos em um único texto. O autor contesta a hierarquia que se insiste em estabelecer entre o texto primeiro e sua tradução, além de reconhecer o caráter autônomo desta: “A. de Campos implica uma relação de interdependência e dupla transformação: a tradução se alimenta do original e o supre, a tradução está

¹ “a una relación de dependencia de un texto respecto a otro (...) pero en género, medio, espacio o tiempo diferentes”.

ligada ao original na medida em que possui existência autônoma e contínua” (VIEIRA, 1998, p. 187)².

O projeto de tradução, por sua vez, não vem a debater o status do texto traduzido diante do texto que o originou, e sim a consolidar uma língua que, à época, não era a dominante no Quebec. O grande objetivo de Garneau era fazer com que o uso permanente da língua quebequense viesse a desvincular a população do Quebec da opressão das línguas e culturas francesa e canadense.

Em suma, a transcrição busca assegurar a autonomia do tradutor, ao passo que a tradução concretista vem a afirmar a igualdade entre texto original e traduzido. Trata-se de dois projetos que se propõem, em primeira instância, a afirmar o caráter criativo da tradução. Dessa forma, o texto traduzido não mais é concebido como um produto secundário, resultado da importação de material textual de uma cultura primária, mas antes o instrumento do qual o texto primeiro depende para afirmar seu status de original.

O trabalho de Garneau, por outro lado, possui uma fundamentação essencialmente política, no entanto, acaba por servir ao propósito de mostrar que uma tradução pode, sim, estar a serviço da cultura receptora, e não o contrário.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho procurou ampliar a discussão acerca das polaridades ainda existentes nos Estudos da Tradução, quais sejam, a da superioridade do texto em língua estrangeira sobre sua tradução e da superioridade da tradução sobre a adaptação. Em consonância com o trabalho dos autores referidos, buscamos mostrar que esses diferentes termos e práticas não devem ser comparados em uma relação de oposição, e sim de complementaridade.

Ao tomar como estudo de caso projetos realizados em âmbitos políticos e culturais distintos, procuramos mostrar que, em sua essência, os efeitos do pós-colonialismo são semelhantes, e as práticas adotadas para combater a imposição da cultura dominante refletem uma necessidade de renovar as maneiras de se pensar e praticar tradução e adaptação.

Por fim, este trabalho procurou contribuir tanto com a área dos Estudos da Tradução quanto dos ainda incipientes Estudos de Adaptação.

² “A. de Campos entails a relationship of interrelatedness and double transformation: translation both feeds from and supplements the original, translation is bound to the original inasmuch as it has its own autonomous continued existence.”

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, H. **Metalinguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1967.

CAMPOS, H. Problemas de Tradução no Fausto de Goethe. In: CAMPOS, H. **O arco-íris branco: ensaios de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. Cap.4, p.51-59.

GAMBIER, Y. Adaptation: une ambiguïté à interroger. **Meta: Translation's Journal**, Montreal, v.37, n.3, p.421-425, 1992. Disponível em: <
<http://www.erudit.org/revue/meta/1992/v37/n3/002802ar.pdf>>

LIEBLEIN, L. 'Cette belle langue': the 'tradaptation' of Shakespeare in Quebec. In: HOENSELAARS, T (ed). **Shakespeare and the language of translation**. Londres: Arden, 2012. Cap.14, p.255-269.

MERINO, R. Traducción, adaptación y censura de productos dramáticos. In: CHAUME, F.; AGOST, R. (eds). **La traducción en los medios audiovisuales**. Castelló: Universitat Jaume, 2001. Cap.21, p.231-238.

VIEIRA, E. New registers for translation in Latin America. In: BUSH, P.; MALMKJÆR, K. (eds). **Rimbaud's rainbow: literary translation in higher education**. Amsterdã: John Benjamins, 1998. Cap.14, p.171-195.